

Armas de fogo e cães como utensílios de efetivação da visão orientalista no neo-colonialismo da segunda metade do século XIX

Átila Siqueira Martins Lopes
Bacharel em História

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
atilasiqueira1@gmail.com

RESUMO: Esse artigo tem por objetivo problematizar o uso das armas de fogo de repetição e dos cães de guarda, de rinha e de combate, na expansão imperialista da segunda metade do século XIX, compreendendo-os como utensílios de efetivação da visão orientalista eurocêntrica presente no imaginário europeu da época, corroborando, assim, dentro de uma perspectiva dialética, os preceitos da superioridade européia, auxiliando na manutenção do domínio militar e os reafirmando através da ideia da superioridade civilizacional. Nesse sentido, os cães e as armas serão aqui abordados como utensílios que auxiliavam os europeus em suas empreitadas neocoloniais na segunda metade do século XIX, sendo que eles serviam de forma material, como força bélica e, como “prova” da superioridade técnica da Europa, o que reafirmava o discurso de autovisão de superioridade do europeu e o discurso de inferioridade do não europeu, produzindo uma dialética que sempre se auto-reafirmava.

PALAVRAS-CHAVE: cães, armas de fogo, orientalismo.

ABSTRACT: This article aims to problematize the use of firearms of repeating and the watchdogs, of fight and fighting, in the imperialist expansion of the second half of nineteenth century, understanding them as utensils effectiveness of orientalist imagery in this eurocentric vision at the time, corroborating thus within a dialectical perspective, the precepts of european superiority, helping maintain the military and by reaffirming the idea of civilizational superiority. In this sense, dogs and guns will be addressed here as utensils that helped the europeans in their neocolonial contracts in the second half of the nineteenth century, and they served in all material respects, as military force and as "proof" of the technical superiority of Europe, which reaffirmed the discourse of superiority and the discourse of inferiority of the non-European, producing a dialectic that has always reasserted itself.

KEYWORDS: dogs, firearms, orientalism.

No final do século XVIII e principio do século XIX, as potências européias, notadamente a Inglaterra, começaram a ter cada vez mais o desejo de obter colônias e de formar um império, controlando áreas e regiões consideradas como desabitadas ou consideradas como habitadas por seres humanos inferiores, não civilizados, bárbaros ou selvagens pela intelectualidade européia. Sustentando as versões de que a Europa era superior racialmente, culturalmente, civilizacionalmente e intelectualmente, a intelectualidade européia

produziu sistematicamente aquilo que se conceitua como Orientalismo, ou seja, o discurso que coloca o mundo europeu como superior e o mundo não europeu como inferior e/ou exótico, sendo que esse discurso foi algo produzido no tempo longo, desde a antiguidade clássica, passando por mudanças e permanência no decorrer do tempo¹.

O discurso orientalista se tornou mais coeso no século XIX, casando-se à idéia da racionalidade, da superioridade racial e do darwinismo, criando a idéia de que o europeu era superior às demais raças e que, por isso, tinha o direito de colonizar todo o mundo e governar aqueles que eram considerados por eles como inferiores, para o bem deles e de toda a humanidade. A idéia de superioridade européia era sustentada pela intelectualidade, que a defendia nos meios acadêmicos e se voltava para a perspectiva de levar a civilização àqueles tidos como bárbaros e de torná-los um pouco melhores, ao mesmo tempo, usando os recursos naturais que se entendia que os povos não europeus não seriam capazes de usar, de forma que se propunha governar esses povos para o bem deles mesmos e da civilização².

Orientalismo, um modo de elaborar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental européia. O Oriente não é apenas adjacente à Europa; é também o lugar das maiores, mais ricas e mais antigas colônias europeias, a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes do Outro. [...] O Orientalismo é um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o “Oriente” e (na maior parte do tempo) o “Ocidente”. [...] Tomando o final do século XVIII como ponto de partida aproximado, o Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando as afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente.³

Tal como alude Edward W Said, o Orientalismo não se refere a uma visão somente relativa ao Oriente Médio, muito embora o seu estudo tenha as visões europeias para com o crescente fértil como ênfase. As mesmas visões de inferioridade, racial, religiosa, cultural e civilizacional referentes ao mundo árabe-muçulmano também se refeririam a todo o mundo não europeu, de forma que a visão da intelectualidade, dos governos e das populações europeias sobre indianos, africanos, asiáticos, aborígenes, indígenas americanos, judeus e

¹ Ver: SAID, E. W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.; BRAUDEL, F. “História e ciências sociais: a longa duração”. In: *Escritos sobre a história*. – Fernand Braudel. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 41-77.

² _____. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³ _____. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp.27-29

miscigenados, enquanto inferiores e exóticos pertencem à mesma tradição intelectual orientalista de longa duração, fazem parte do mesmo processo. Dessa forma, a relação entre europeus e não europeus fazem parte da tradição orientalista de pensamento quando são marcadas por uma construção de superioridade racial e civilizacional dos europeus (brancos) sobre os outros povos. O racismo do europeu contra o negro e contra o chinês, por exemplo, e contra os demais povos não europeus, portanto, fazem parte da mesma tradição orientalista de alteridade de construção dos orientais e dos não europeus como o outro, como o exótico, como o inferior.

Falar do orientalismo, portanto, é falar principalmente, embora não exclusivamente, de um empreendimento cultural britânico e francês, um projeto cujas dimensões incluem *áreas tão díspares quanto a própria imaginação*, toda a *Índia e o Levante*, os textos bíblicos e as terras bíblicas, o comércio de especiarias, os *exércitos coloniais* e uma longa tradição de administradores, um formidável corpo de eruditos, inúmeros “especialistas” e “auxiliares” orientais, um professorado oriental, um complexo aparato de idéias “orientais” (o despotismo oriental, esplendor oriental, a crueldade, a sensualidade), muitas seitas, filosofias e sabedorias orientais domesticadas para uso europeu local - *a lista pode se estender mais ou menos indefinidamente*. [...] O Orientalismo nunca está muito longe do que Denys Hay chama “a ideia de Europa”, uma noção coletiva que identifica a “nós” *europeus contra todos “aqueles” não europeus*, e pode-se argumentar que o principal componente da cultura européia é precisamente o que tornou hegemônica essa cultura, dentro e fora da Europa: *a ideia de uma identidade europeia superior a todos os povos e culturas não europeus*. [...] *Por razões que logo discutirei, limitei o já limitado (mas ainda excessivo) conjunto de questões à experiência anglo-franco-americana dos árabes e do islã*, que por quase mil anos seguidos representou o Oriente. Com isso, eliminava-se uma grande parte do Oriente - Índia, Japão, China e outras regiões do Extremo Oriente - *não porque essas regiões não fossem importantes (elas eram, obviamente)*, mas porque se poderia discutir a experiência européia no Oriente Próximo ou no islã independentemente de sua experiência no Extremo Oriente. [...] havia um Oriente Próximo e um Extremo Oriente, um Oriente familiar, que René Grousset chama de “l'empire du Levant” (O Império do Levante),” e um novo Oriente. Assim, *o Oriente se alternava na geografia mental entre ser um Velho Mundo a que se retornava, como ao Éden ou ao Paraíso, para ali erguer uma nova versão do velho, e ser um lugar completamente novo, a que se chegava como Colombo chegou à América, para estabelecer um Novo Mundo* (embora, ironicamente, o próprio Colombo achasse que havia descoberto uma nova região do Velho Mundo). Certamente, nenhum desses Orientes era puramente uma coisa ou a outra: são suas contradições, o seu atraente caráter sugestivo, a sua capacidade para entreter e confundir a mente que são interessantes.⁴ (Grifos meus)

Mas além da construção do discurso orientalista produzido e reproduzido pelos intelectuais, este discurso era corroborado e mesmo reconstruído pelos próprios agentes

⁴ _____, *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp.30-96.

coloniais presentes nas colônias e nas áreas de influência, sobretudo após a segunda metade do século XIX, momento em que a expansão colonial das potências europeias se tornou mais enfática, sendo eles os soldados, os administradores coloniais, os viajantes, intelectuais viajantes, como arqueólogos e linguistas, turistas, colonos e bandidos exilados, que iam para as colônias com idéias preconcebidas sobre o mundo não europeu e voltavam para a Europa as corroborando, a partir de suas experiências de estranhamento frente a padrões culturais diferentes, que eram então considerados como prova da inferioridade e do exotismo dos não europeus⁵.

Provavelmente todo mundo estará de acordo que um inglês tem direito a considerar que sua forma de entender o mundo e a vida é melhor que a de um hotentote ou um maori e ninguém se oporá, em princípio, a que a Inglaterra faça o possível para impor a estes selvagens os critérios e modos de pensar ingleses, posto que são melhores e mais elevados. Há alguma probabilidade, por remota que seja, de que num futuro previsível possa desaparecer o abismo que agora separa os brancos dos negros? Pode haver alguma dúvida de que o homem branco deve impor e importará sua civilização sobre as raças de cor?⁶

Em nome do direito de viver da humanidade, a colonização, agente da civilização, deverá tomar a seu encargo a valorização e a circulação das riquezas que possuidores fracos detenham sem benefício para eles próprios e para os demais. Age-se assim para o bem de todos. A Europa não abandonará, absolutamente, sua autoridade colonial. Apesar de alguns perigos e de algumas servidões que a Europa deve suportar e de algumas compulsões para abdicar que recebe, não deve desertar de sua linha colonial. Ela está no comando e no comando deve permanecer. Eu nego com todas as minhas forças e repudio com toda a energia de meu coração todas as tendências que procuram, tanto para a Europa como para meu país, o despejo da tutela ocidental nas colônias⁷.

A humanidade não deve, nem pode aceitar mais que a incapacidade, a negligência, a preguiça dos povos selvagens deixem indefinidamente sem emprego as riquezas que Deus lhes confiou, com a missão de utilizá-las para o bem de todos. Se forem encontrados territórios mal-administrados por seus proprietários, é direito das sociedades – prejudicadas por esta administração defeituosa – tomar o lugar destes administradores incapazes e

⁵ CORREA, Sívio Marcus de Souza. Evidências de história nos relatos de viajantes sobre a África pré-colonial. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/9809/5600>. (Acesso em: 11 de março de 2012); SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das Raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

⁶ Reprodução do discurso do Conde Grey, escrevendo sobre as façanhas de Hubert Hervey. Citado em: CANÊDO, L. B. *A descolonização da Ásia e da África*. 10^a Ed. São Paulo: Atual, 1994, p.11.

⁷ CANÊDO, L. B. *A descolonização da Ásia e da África*. 10^a Ed. São Paulo: Atual, 1994, pp.11-12.

explorar, em benefício de todos, os bens dos quais eles não sabem tirar partido.⁸

Mas em meio a essa relação entre a produção intelectual do discurso orientalista e de sua corroboração pelos agentes coloniais que transitavam entre as coloniais e as metrópoles, pode-se destacar dois utensílios dos europeus que efetivavam a dominação colonial, através da força física e, ao mesmo tempo, servindo como uma prova para a idéia de superioridade técnica e portanto, civilizacional do europeus, a partir da perspectiva da racionalidade europeia como capaz de produzir meios cada vez mais eficazes para a superação das dificuldades naturais encontradas. Esses dois utensílios eram as armas de fogo de repetição, que na segunda metade do século XIX se desenvolveram muito, e os cães, sobretudo os cães de guarda e os cães de rinha e de ataque da linhagem dos molossos, que nesse período foram sofrendo grande modificação dos cruzamentos produzidos por cinófilos, com o objetivo de produzir animais cada vez mais efetivos em suas funções⁹.

Entende-se como uma hipótese que esses dois utensílios trabalhavam de forma dialética com o discurso orientalista, gerando a dominação física e psicológica e corroborando a sua existência no campo do discurso, como algo natural, como mera prova da superioridade europeia, tal como na natureza, em que o animal mais forte domina os mais fracos, vencendo, sobrevivendo e perpetuando a sua espécie. Nesse sentido, as armas de fogo de repetição e os cães eram objetos que reafirmavam, na prática, os argumentos já preconcebidos pelas teorias raciais da superioridade europeia, ao mesmo tempo, garantindo aos europeus o controle efetivo sobre as colônias e dando a eles próprios, no campo do discurso, a legitimidade para a continuidade de suas ações.

Porém, alguns questionamentos podem ser levantados sobre o assunto: Seria apenas coincidência que as armas de fogo e os cães de guarda e de ataque tenham se desenvolvido tão consideravelmente durante a segunda metade do século XIX? Esse desenvolvimento teria relação direta com a expansão colonial? Seria a expansão colonial único causador das grandes mudanças sofridas nas armas de fogo e no uso cada vez mais constante dos cães e a adaptação desses para a guarda e para o ataque?

⁸ Discurso do Padre Müller. Citado em: CANÊDO, L. B. *A descolonização da Ásia e da África*. 10^a Ed. São Paulo: Atual, 1994.

⁹ Abril coleções (org.). *Armas Portáteis: 1870-1950*. São Paulo: Abril, 2010.; FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.; MARDEL, Luiz. *História da arma de fogo portátil*. Imprensa nacional, 1887.; TAUSZ, Bruno. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.; Weeks, John. *Armas de Infantaria*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

No século XIX, a Inglaterra e as demais potências europeias passaram por inúmeras mudanças tecnológicas, advindas da revolução industrial e de suas consequências, pois as inovações, no setor químico e no setor de máquinas, atendiam a novas demandas de produção em série, sendo que as novas máquinas e as novas técnicas eram usadas e desenvolvidas com o objetivo de aumentar a produção industrial pelas novas potências industriais, notadamente a Inglaterra, mas também a França, os Estados Unidos, a Prússia e alguns outros países europeus. Essas inovações tinham por objetivo, aumentar o poderio econômico e industrial dessas novas potências e da nova classe dirigente, a burguesia e a nobreza industrial (nobres que em alguns países, como a Inglaterra, abandonaram as atividades tradicionais do campo e passaram a investir em novos negócios, como o comércio e a indústria)¹⁰, ao passo que também para atingir esse objetivo, o imperialismo da segunda metade do século XIX e o discurso orientalista que o corroborava foram instituídos como cânones de verdade pela intelectualidade europeia, que passou a construí-los discursivamente, usando o princípio da superioridade civilizacional e racial, como a justificativa para as ações imperialista das potências europeias.

Nesse sentido, entendendo que a evolução técnica e industrial do século XIX foi produzida para aumentar o poderio econômico de alguns países europeus e de suas burguesias e novas classes dirigentes, formadas por capitalistas e membros da nobreza empreendedora, bem como o próprio imperialismo ocorreu principalmente por esse motivo, pode-se entender então que o desenvolvimento das armas e dos cães no século XIX seguiu a mesma lógica. Os cães e as armas não sofreram alterações apenas para servir ao imperialismo, mas para servir a uma gama de necessidades específicas das elites das potências industrializadas, sendo a principal necessidade, depois do início da segunda metade do século XIX, efetivar as ações imperialistas para ostentar poder frente à rivalidade com as outras potências e, ao mesmo tempo, manter o controle sobre as áreas coloniais, explorando a mão de obra, os recursos naturais e fazendo a população dessas regiões consumirem os seus produtos industrializados, sobretudo após a década de 70 do século XIX, quando as potências industriais se viram em

¹⁰ Ver: HOBSBAWN, 1979, 2003 HOBSBAWN, E. *A Era das Revoluções*. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

crise e precisavam escoar os seus excedentes e reinvestir capital para continuar a sua produção e seu desenvolvimento industrial¹¹.

Analisemos, então, o caso das armas e dos cães separadamente.

As armas de fogo

As primeiras armas de fogo de que se tem notícia pela historiografia datam do final do século XII e foram produzidas pelos muçulmanos, sendo que eram armas rudimentares como pequenos canhões de mão de antecarga, que usavam tubos de madeira e/ou metal com um estopim, que precisava ser aceso para a realização dos disparos, ao passo que os projéteis eram pequenas e médias esferas de ferro ou mesmo pedras, conforme a necessidade e as possibilidades de produção das armas, sendo que apenas a pólvora era utilizada como acelerador. No entanto, as primeiras armas com gatilho e martelo (cão) são atribuídas a um monge alemão que as desenvolveu no século XIV, mas o seu uso continuou, sendo apenas de um tiro por vez, ao passo que as armas precisavam ser recarregadas pela frente a cada tiro, tendo de colocar a pólvora em seu cano e depois o projétil, que precisava ser ajeitado por uma vareta para que o disparo pudesse ocorrer.

Do século XV ao século XIX houve algumas pequenas melhorias nas armas de fogo, mas o seu sistema de funcionamento continuou o mesmo, com o uso de gatilho e martelo e apenas com um disparo por vez, ao passo que o alcance dessas armas era bastante limitado, já que a ignição causada apenas pela pólvora não era suficiente para que se alcançassem grandes distâncias e nem para que o atirador pudesse ter grande precisão, devido ao arranque causado pela explosão da pólvora e pelos projéteis redondos, que não tinham uma aerodinâmica apropriada para tiros de precisão.

O tipo de arma mais utilizado nesse período foi o de pederneira, que consistia em fazer a pólvora se ascender através das faíscas de fogo produzidas pelo contato do cão com uma superfície áspera, sendo que no cão havia uma pequena pedra pederneira. Funcionava

¹¹ COSTA, A. M. *No Tempo das Certezas: 1890 – 1914*. São Paulo: Cia das Letras. 2000.; DÖPCKE, W. Apogeu e colapso do sistema internacional europeu (1871 – 1918). In. José Flávio Sombra Saraiva. *Relações Internacionais Contemporâneas: da Construção do Mundo Liberal à Globalização*. De 1815 a nossos dias. Editora Paralelo 15, 1997.; DOWBOR, L. *A formação do 3º mundo*. Editora Brasiliense. 11ª Ed. São Paulo. 1989.; FERRO, M. *História das colonizações: das conquistas as independências, século XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.; LESSA, A. C. *História das Relações Internacionais: A Pax Britannica e o Mundo do Século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

como um isqueiro moderno. Outro tipo, muito usado a partir do início do século XIX, foi a arma de percussão, muito semelhante a pederneira, porém, funcionava com a ignição a partir da pancada do cão sobre um dispositivo contendo um composto químico que fazia com que a pólvora se ascendesse. Muitas pistolas de pederneira foram, inclusive, adaptadas para o modelo de percussão, pois o funcionamento era muito semelhante, sendo que a diferença estava no fato de a percussão ser menos propensa a falha de ativamento do que a pederneira. Ambas eram armas de antecarga, que precisavam ser carregadas pela frente e preparadas para o disparo com vareta.

Foi somente depois da segunda metade do século XIX que as armas de fogo sofreram mudanças realmente significativas, principalmente com as inovações do armeiro e inventor estadunidense Samuel Colt, que conseguiu produzir um tipo de arma inovadora para a época: o revólver de antecarga, que diferente das pistolas da época, conseguia realizar até seis disparos por vez sem ser recarregada, através de uma de suas peças chamada tambor, que condiciona dentro da própria arma os projéteis a serem disparados. Além disso, a munição sofreu uma grande mudança, sendo que as primeiras, destinadas aos revólveres, eram ainda feitas de esferas de metal, que eram carregadas com pólvora, uma a uma dentro dos orifícios do tambor de antecarga. Depois, elas passaram a ser confeccionadas em formato cônico e em seguida em cápsulas para antecarga, em que não somente a pólvora servia como acelerador para o disparo, mas também uma combinação de produtos químicos, que aumentava a precisão, a velocidade, a força e o alcance dos disparos, tornando a arma muito mais eficaz¹².

Posteriormente as espingardas sofreram modificações semelhantes, produzidas pela famosa fábrica de armas Winchester, que se utilizou das novas munições em cápsulas desenvolvidas para os revólveres e conseguiu produzir espingardas que disparavam várias vezes sem ser recarregadas, através de um mecanismo de recarga no gatilho que permitia que um novo projétil substituísse o primeiro a cada disparo. Com isso, as armas sofreram mais uma inovação, pois as espingardas se tornaram muito eficazes em longa distância, enquanto os revólveres eram melhores para distâncias curtas.

¹² Inúmeros modelos de transição da munição usada nas armas de percussão e usadas nos primeiros revólveres para os modelos de fogo central foram desenvolvidos durante a primeira metade do século XIX. Alguns, como os das armas LEFAUCHEUX, foram muito importantes para esse desenvolvimento e foram mesmo muito usados.

Essas inovações que ocorreram nas armas de fogo curtas e depois nas longas não podem ser consideradas fora de seu contexto histórico, pois Samuel Colt só pôde realizar a invenção de seu revólver graças a inúmeros avanços científicos que já haviam ocorrido em sua época, como a melhoria na metalurgia, na mecânica e na química¹³. Porém, não foram somente as inovações técnicas que permitiram e deram subsídio para a produção dessas novas armas, mas também, e principalmente, toda uma demanda por novas tecnologias bélicas, que então possibilitaria maior controle social aos governos das grandes potências, internamente, assegurando-se contra os grevistas e insurgentes dos grupos anarquistas e comunistas que reivindicavam novos direitos dentro do pólos industrializados, e, externamente, facilitando a expansão para novos territórios coloniais, sendo que as novas armas de fogo, que permitiam disparos mais eficazes e rápidos, além de dispararem várias vezes antes de serem recarregadas. Eram um trunfo para as grandes potências, que dominavam os territórios pretendidos mostrando a força de seus equipamentos bélicos¹⁴.

Nesse contexto estão as constantes repressões às greves, a partir da segunda metade do século XIX, juntamente com a expansão para o Oeste nos Estados Unidos, em que os territórios indígenas foram rapidamente tomados e as armas de fogo tiveram papel importante nisso, dando poder de fogo para que tropas reduzidas e colonos civis pudessem tomar territórios e manterem-se nele. No mesmo período, houve também as grandes incursões europeias na África e na Ásia, possibilitadas por novos meios de transportes, mas também pelo novo poder de fogo das grandes potências da Europa, que conseguiam adentrar por territórios que antes só poderiam ser tomados com grandes tropas e com o gasto de muito tempo, dinheiro e soldados¹⁵.

¹³ Sobre as melhorias técnicas advindas da Revolução Industrial, ver: HOBSBAWN, E. *A Era das Revoluções*. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

¹⁴ HOBSBAWN, E. *A Era das Revoluções*. 2ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979; Weeks, John. *Armas de Infantaria*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.; MARDEL, Luiz. *História da arma de fogo portátil*. Imprensa nacional, 1887.

¹⁵ O poder de fogo das novas armas permitiram realizações militares que antes não eram possíveis, ou que, pelo menos, exigiriam grandes contingentes de soldados. Era uma situação completamente nova, pois um único soldado conseguia disparar seis vezes sem recarregar sua arma, enquanto seus oponentes, a cada disparo, precisavam recarregar. Os europeus podiam, então, manter o combate a distância, enquanto seus inimigos se mantinham em situação de desvantagem em tal situação. Obviamente, muitas das possessões coloniais já haviam sido conseguidas por potências europeias antes das armas de retrocarga. Porém, depois dessas armas, o avanço ocorreu com maior rapidez e com mais facilidade, devido a superioridade bélica em que as potências europeias se encontravam. Na segunda metade do século XIX, a expansão territorial europeia ocorreu com grande velocidade, ajudada e possibilitada por essas novas armas. Ver: CANÉDO, L. B. *A descolonização da Ásia e da África*. 10ª Ed. São Paulo: Atual, 1994.; DOWBOR, L. *A formação do 3º mundo*. Editora Brasiliense. 11ª Ed. São Paulo. 1989; FERRO, M. *História das colonizações: das conquistas as independências, século XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.; FERRO, M. *História das colonizações: das conquistas as independências, século XIII a XX*. São Paulo:

Entende-se, pois, que as armas passaram a integrar dialeticamente o discurso orientalista que legitimava a expansão colonial na segunda metade do século XIX, pois, para o europeu colonizador, a arma era tida como uma das provas de superioridade europeia sobre os demais povos, uma vez que teria sido o europeu a produzir a arma que lhe garantia o domínio sobre os outros, sendo esse domínio entendido como algo natural, recorrente na evolução, com a vitória constante dos mais adaptados e a derrota dos mais fracos, buscando tais ideias de legitimação na teoria darwinista¹⁶. Ao mesmo tempo, as armas eram também a efetivação desse domínio europeu, pois elas corroboravam o discurso de superioridade e dava o controle real sobre os territórios pretendidos, uma vez que depois que as armas passaram a ser carregadas com cápsulas industrializadas, sem necessidade de colocar a pólvora no cano e ajeitar o projétil dentro da arma, o uso da arma se torna mais eficaz, eliminando quase que completamente a luta corporal, o que dava uma extrema vantagem aos europeus, que depois de uma ou duas vezes esvaziando as suas armas, era capaz de levar a óbito em pouco tempo uma centena de inimigos¹⁷. Assim, entende-se que se produzia uma relação dialética em que o discurso produzia a prática que, por sua vez, corroborava o discurso e a legitimidade da prática, de forma cíclica.

A própria produção dessas armas pode ser vista como voltada para o controle dos territórios pretendidos pelas grandes potências, uma vez que o momento histórico em que elas foram criadas coincide com a expansão estadunidense para o oeste e com os conflitos com os povos indígenas que habitavam aquelas regiões, bem como com a expansão das potências europeias sobre a África e a Ásia. Os construtores dessas armas podem ser entendidos como indivíduos que perceberam este momento e a necessidade desses governos de possuírem tecnologia bélica que aumentasse a vantagem sobre os povos desses locais que se pretendia colonizar, aproveitando então a oportunidade para produzirem um produto rentável, com um largo mercado consumidor, sendo essas armas então um utensílio que podem ser considerados como “filhas” da expansão imperialista.

Companhia das Letras, 1996.; HERNANDEZ, L. M. G. L. O “novo Imperialismo” e a perspectiva africana da partilha. In.: *A África na Sala de Aula: Visita a História Contemporânea*. São Paulo: Sevo Negro, 2005.; LESSA, A. C. *História das Relações Internacionais: A Pax Britannica e o Mundo do Século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.; SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

¹⁶ SAID, E. W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.; FERRO, M. *História das colonizações: das conquistas as independências, século XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

¹⁷ Ver: WEEKS, John. *Armas de Infantaria*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.; Abril coleções (org.). *Armas Portáteis: 1870-1950*. São Paulo: Abril, 2010.; MARDEL, Luiz. *História da arma de fogo portátil*. Imprensa nacional, 1887.

As transformações das armas de fogo se deram então em um momento histórico de conflito entre as potências industriais que desejavam se tornar impérios e conquistar territórios, para se defender uma das outras, bem como para conquistarem mais poder e riqueza e, ao mesmo tempo; e de conflito de autoafirmação dessas potências como superiores culturalmente, civilizacionalmente e racialmente sobre os povos não europeus. Assim, as armas se afirmaram como um mecanismo de domínio, por efetivarem o predomínio através da força física, do medo causado pelas demonstrações bélicas e mesmo inserindo os nativos no comércio capitalista, fazendo-os produzir excedentes e produtos fora do contexto de suas culturas anteriores ao contato com os europeus, através da venda de armas para esses¹⁸.

Então, a própria venda das armas para os nativos acabava também por se transformar em uma forma de exploração, causando, em primeiro momento, a necessidade desse utensílio para a autodefesa. Depois, proporcionando a entrada de comunidades autóctones no modo de produção capitalista para conseguir armas, ao passo que reafirmava, no imaginário europeu, a ideia da Europa como superior e mais evoluída, por ser capaz de construir essa e muitas outras invenções, bem como de conquistar territórios e de impor aos outros o seu modelo entendido como superior. Assim, de várias formas, as armas de fogo foram utilizadas como utensílios de efetivação das ações imperialistas da segunda metade do século XIX e do pensamento orientalista que o pautava, reafirmando as autoafirmações de superioridade europeia e de inferioridade dos não europeus¹⁹.

Os cães

Os cães vêm sendo criados pelos homens desde os primórdios da humanidade, em inúmeras culturas, sendo um dos animais mais utilizados pelos seres humanos, seja para o trabalho, para a companhia, para defesa e até mesmo como símbolo de status social. Mas o uso dos cães para a guerra de forma intensiva remonta ao período do Império romano, pois

¹⁸ Para uma perspectiva sobre o imperialismo e a inserção do capitalismo na África e na Ásia, ver: COSTA, A. M. da. *No Tempo das Certezas: 1890 – 1914*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.; DÖPCKE, W. Apogeu e colapso do sistema internacional europeu (1871 – 1918). In: José Flávio Sombra Saraiva. *Relações Internacionais Contemporâneas: da Construção do Mundo Liberal à Globalização*. De 1815 a nossos dias. Editora Paralelo 15, 1997.; DOWBOR, L. *A formação do 3º mundo*. Editora Brasiliense, 11ª Ed. São Paulo, 1989.; FERRO, M.. *História das colonizações: das conquistas as independências, século XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.; LESSA, A. C. *História das Relações Internacionais: A Pax Britannica e o Mundo do Século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.; SAID, E. W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁹ Contudo, há de se salientar que a superioridade bélica nem sempre era uma plena garantia de vitória para os europeus.

nas campanhas, assim como na guarda residencial e de prisioneiros, o uso do cão conhecido como molosso italiano se tornou recorrente, juntamente com outro tipo de molosso, de origem germânica, o *Rottweiler*.

Esses animais, por terem um porte avantajado, musculatura peitoral grande e hipertrofiada, cabeça redonda e embocadura quadrada ou triangular, além de uma resistência física muito grande, resistindo a corridas longas, tempos longos sem comer e a ferimentos graves – tendo um ímpeto de ataque que não os faz parar mesmo sendo feridos –, começaram a ser usados nas guerras pelas legiões romanas. Nas batalhas, eles eram soltos contra os inimigos em meio aos ataques ou eram usados para amedrontar povoados belicosos, em conjunto com outras demonstrações de força, além de utilizados na caça, na guarda de prisioneiros e nas residências e Vilas romanas, como companhia e cão de guarda²⁰.

Na antiguidade, além desses cães, há relatos de outras raças e outros usos em várias culturas, tanto no Ocidente quanto no Oriente, principalmente no pastoreio e na caça, sendo os cães pastores e os cães farejadores os principais animais utilizados, além dos cães de guarda. Depois do período romano, não se tem notícia de uso extensivos de cães em guerras até os meados do século X, momento em que se tem relatos dos cães em combates principalmente nas forças militares inglesas, notadamente com o uso do *Bull Dogue* inglês clássico, uma raça de cão já extinta, atribuída a fusão de *Mastins* com *Terriers*, formando um molosso forte, compacto, de peito largo, baixa estatura, grande mobilidade, embocadura quadrada e potente, com dente inferiores protuberantes²¹ devido à prognatismo.

Antes do aparecimento do *Bull Dogue*, a maior parte dos relatos de cães na Europa Medieval os mostra no uso do pastoreio e nas caçadas promovidas pelos nobres, também havendo relatos de alguns animais mais robustos sendo usados como cães de guarda e como utensílios no manejo de bovinos. Alguns cinófilos entendem o *Bull Dogue* como o cão que era usado nesse contexto, o de lidar com o gado mais arreado²², sendo também adaptado através

²⁰ TAUSZ, Bruno. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.; FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

²¹ _____. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.; FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

²² Esse uso também, no caso do gado e em alguns casos de guerra, é atribuído ao *Rotweiler*, que era usado nas regiões dos principados germânicos. Ver: _____. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.;

da cinofilia para a guerra, por se mostrar um animal forte, resistente e muito agressivo, capaz de causar grandes danos em uma vítima²³.

Após o século X, cães como o *Bull Dogue* inglês e outros cães figuram de forma constante nos exércitos, muitas vezes ao lado dos nobres; outras, auxiliando em tarefas de vigilância, ou diretamente no combate, o que mostra que esses animais passaram a ter grande importância para a guerra. Não obstante, desde pelo menos o século XII, percebe-se que na Europa começou a haver um esforço para se produzir cães, através de cruzamentos, para finalidades específicas, como rinhas, guerra, caçada, pastoreio, guarda, além de finalidades diversas e conjuntas, como: guarda e pastoreio, rinha e guerra, guarda e rinha, guarda e guerra, dentre outras²⁴.

Do século XII em diante, as raças de cães se multiplicaram²⁵ e, no final do século XVII a cinofilia se juntou às ciências naturais crescentes na época, por intermédio do iluminismo, que incentivava a produção do conhecimento em todas as áreas do saber. Outrossim, os cães de rinha e de combate começaram a ser cada vez mais produzidos por cruzamento, seja através da constituição de novas raças ou através do cruzamento de animais com determinados atributos, como agressividade, tamanho, força, além de estética e mobilidade²⁶.

Estes cães, por sua vez, além de usados como cães de guarda para vigiar residências e propriedades, e para as diversões nas rinhas, eram também utilizados pelas forças policiais e militares de países como a Inglaterra, EUA, França, Bélgica e Prússia. Contudo, a partir da segunda metade do século XIX, os cães começaram a ser usados cada vez mais pelos exércitos das grandes potências industriais, notadamente, coincidindo com o período em que se iniciou em grande escala a expansão desses países sobre a África e a Ásia, além da expansão dos EUA para o oeste, território hostil e dominado pelos índios²⁷.

²³ TAUSZ, Bruno. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.; FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

²⁴ _____. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.; FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

²⁵ Vários cães foram usados no período da colonização da América, sendo que pode-se dar destaque ao *Alano* espanhol e a algumas raças semelhantes em porte encontradas na Espanha e em Portugal. As funções desses animais se dividiam em fazer guarda, produzir contenções ou ainda, em trabalhar na própria guerra, sendo que para essa última eles eram protegidos por vários tipos de armaduras.

²⁶ _____. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.; FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

²⁷ _____. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.; FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

Nesse período começa-se a produção de cães específicos²⁸, sobretudo os de grande porte, sendo que é em meados do século XIX que surge o *Pitt bull*, nos Estados Unidos, um cão de baixa estatura, forte, com a cabeça muito grande, musculatura muito definida, peito largo, força de arranque, com pouca propensão a engordar, capaz de realizar grandes escaladas e de saltar alturas de três a quatro metros, dependendo do cão e do treinamento, tendo uma embocadura quadrada muito forte, que é capaz de agarrar e estraçalhar com muita eficácia uma vítima, pois a mordida tem grande força. Foram cães criados para as rinhas, para superar os cães mais fortes, como os *Bull Dogues*, os *Boxers* e os *Rottweilers*, uma vez que reuniria qualidades atléticas diversas, que eram encontradas nos melhores cães usados para a rinha até aquele momento, porém, além de atender muito bem a essas demandas, com os fins das rinhas nos Estados Unidos e na Inglaterra, entendeu-se que se tratava de cães muito fortes e hábeis em várias atividades, que podiam ser usados na guerra, na guarda de prisioneiros e mesmo como cães de caça, como no combate aos ferozes javalis selvagens, ou ainda como cão de guarda²⁹.

²⁸ É importante salientar dois livros literários que falam de cães como utensílios usados pelos homens em suas incursões coloniais e em seu cotidiano. O primeiro deles é *Drácula*, de Bram Stoker, que em determinado momento mostra três cães *Terriers*, possivelmente *Bull Terriers* ou algum cão semelhante, que é usado para atacar ratos. A cena se refere a um momento em que os homens que lutavam contra o vampiro entram em um dos vários esconderijos da criatura em Londres, para destruir as caixas de terra que dão ao Drácula a possibilidade de se manter distante de seu castelo original. Só que no local eles são atacados por vários ratos, que estão sob o controle do vampiro. No momento desse conflito surgem os cães, que se mostram especialistas em matar esses animais. A cena em questão mostra o desenvolvimento de um dos usos dos cães que se fez no século XIX, para o combate e para a eliminação de uma das pragas urbanas que mais causavam incômodo em um contexto social europeu em que as cidades começaram a tomar dimensões nunca antes vistas na História da Humanidade, graças ao desenvolvimento produzido pela revolução Industrial. Naquele ambiente a quantidade de ratos era um incômodo constante, pois transmitiam doenças e causavam prejuízos, atacando estoques de comida, ao passo que se reproduziam rapidamente e eram difíceis de serem eliminados.

Essa situação produziu uma demanda que foi sanada com o uso dos cães *Terriers* para o combate dos ratos, pois no caso das ratazanas que se desenvolviam em perímetro urbano, somente cães eram capazes de abatê-los, pois os gatos não tinham condições físicas para abater tais animais. Dentre esses cães produziu-se especialmente o *Bull Terrier*, um cão que tinha as qualidades de força dos cães de combate e a agilidade dos *Terriers* para abater animais de pequeno porte, o que se fazia necessário dado o tamanho e força dos ratos que surgiam nas cidades. Ver: STOKER, Bram. *Drácula*. eBooKsBrasil, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/draculap.html>

O segundo caso é o livro *O chamado Selvagem/ O chamado da Floresta*, de Jack London, que mostra como os cães de grande porte, muitas vezes independente da linhagem, foram usados na colonização do Alasca para puxar os trenós de neve, que transportavam pessoas e suprimentos entre os novos estabelecimentos que se produziam em meio a paisagem inóspita e congelada. Naquele momento histórico os cães foram usados como o principal meio de transporte na região, eram treinados e selecionados para isso, embora todo cão que conseguisse servir a esse propósito acabasse sendo usado, mesmo que por pouco tempo, até a sua morte. Ver: LONDON, Jack. *O Chamado da Floresta*. L&PM POCKET. São Paulo, 2003.

²⁹ TAUSZ, Bruno. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.; FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.

Os cães, na expansão colonial, se tornaram armas de controle, que asseguravam o domínio, produzindo o medo, já que podiam ser soltos contra as populações que pretendesse se insurgir, ou mesmo contra insurgentes militares, o que era uma vantagem e reproduzia o auto discurso orientalista de superioridade europeia e o discurso de inferioridade dos não europeus, pois entendia-se que o feito dessas grandes potências conseguiram produzir cães fortes e bem adaptados, dentre outras realizações e inventos, o que em tal ótica mostrava a superioridade europeia e que os europeus eram os mais adaptados e, por isso, os mais fortes e aqueles que deviam dominar e sobreviver, dentro de um discurso que se referia as ideias evolucionistas darwinistas. Dessa forma, os cães da raça *Bull Terrier*, *Bull Dog*, *Pastor Alemão*, *Dog Alemão*, *Bull Mastiff*, *Mastin* napolitano, *Cane Corso*, *Martin* inglês, *Bull Dogue* americano e *Pitt bull*, dentre várias outras raças, eram cultivados por criadores e cinófilos criteriosos, ao mesmo tempo que eram valorizados por suas características específicas e pela utilidade que tinham como parte das forças militares e como cães de guarda³⁰.

As armas de fogo de repetição e os cães de guarda, rinha e combate: instrumentos que corroboraram e reafirmaram dialeticamente o discurso orientalista

Os cães e as armas de fogo de repetição, depois da segunda metade do século XIX, se tornaram constantes nas forças militares das potências ocidentais, completando e efetivando as ações imperialistas sobre os territórios neocoloniais, não somente pelo poder militar que esses mecanismos representaram nas invasões e batalhas. Os efeitos das armas de fogo de repetição e dos cães tinham grande impacto no imaginário dos povos submetidos, gerando o medo, pois se mostravam como utensílios quase insuperáveis, já que os tiros repetidos se mesclavam com a característica daqueles novos cães produzidos pela cinofilia moderna, que tinham em suas características o não recuo frente a feridas e mesmo frente aos disparos das armas de fogo³¹.

³⁰ FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009; MARDEL, Luiz. *História da arma de fogo portátil*. Imprensa nacional, 1887.

³¹ Abril coleções (org.). *Armas Portáteis: 1870-1950*. São Paulo: Abril, 2010.; FOGLE, Bruce. *Cães*. 1ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2009.; MARDEL, Luiz. *História da arma de fogo portátil*. Imprensa nacional, 1887.; PANIKKAR, K, M. *A Dominação Ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias*. Vol. 1. Editora Saga. Rio de Janeiro, GB. 1965.; TAUSZ, Bruno. *O Rottweiler*. Editora Nobel, 1996.; WEEKS, John. *Armas de Infantaria*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

O comércio de armas e o comércio dos cães também tinham impacto nas economias europeias e dos EUA, seja através dos empregos diretos e indiretos, dos lucros com as vendas de armas para as forças militares e também para os civis, que se armavam em larga escala em locais como os EUA. Ao mesmo tempo os cães grandes também se popularizavam, usados como adorno para os ricos, nos trabalhos em fazendas, na guarda residencial e de locais privados e públicos, além de em trabalhos, como na expansão para o Alaska, em que eles eram usados para puxar os trenós de neve.

Não obstante, as armas de fogo e esses cães também trabalhavam na mentalidade³² europeia, corroborando os seus preceitos orientalistas de superioridade racial, civilizacional e cultural, em detrimento aos povos não europeus, considerados como inferiores e/ou exóticos em todos os níveis. Por sua vez, ao corroborarem esse imaginário³³ da superioridade europeia, os cães e as armas estimulavam ainda mais a expansão imperialista em uma espécie de processo dialético, ao mesmo tempo, também acirrava as rivalidades entre as potências que então tentavam mostrar mais poderio, seja pelo aumento de territórios coloniais, seja pela corrida por desenvolvimento de novas tecnologias bélicas, como as pistolas alemãs do fim do século XIX, as metralhadoras estadunidenses e os canhões ingleses³⁴.

Esses dois processos dialéticos que aumentavam a expansão imperialista, o uso dos cães e das armas de repetição, aumentava a ideia da superioridade europeia e das rivalidades

³² Entende-se nesse trabalho o conceito de “mentalidade” da seguinte maneira. Mentalidade: valores, crenças, hábitos de uma determinada sociedade em certa época que permanecem no tempo longo, constituídos através do imaginário. Para uma perspectiva mais aprofundada sobre mentalidade, ver: BACZKO, Bronislaw. *In: Enciclopédia Einaudi*. ed. portuguesa, v. 5: Antropos-Homen. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

³³ Entende-se nesse trabalho o conceito de “imaginário da seguinte maneira”. Imaginário: forma de entender e abstrair o mundo a nossa volta, através da construção de símbolos, dos discursos, das ideologias, religiões e do cotidiano. Para uma perspectiva mais aprofundada sobre imaginário, ver: BACZKO, Bronislaw. *In: Enciclopédia Einaudi*. ed. portuguesa, v. 5: Antropos-Homen. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.

³⁴ No período em questão, a segunda metade do século XIX, e, mais especificamente, entre 1875 a 1914, houve uma verdadeira corrida armamentista entre as potências européias, que buscavam cada vez mais se armar e desenvolver armas para garantir suas possessões coloniais. Deve-se destacar, nesse período, os esforços da Inglaterra, para se manter em sua hegemonia conquistada após a queda de Napoleão, em 1815; e também os esforços da Alemanha do período de Bismarck entre 1871 a 1890, e do período posterior até 1914. Inúmeras armas foram produzidas nesse período, principalmente as metralhadoras. Foi o período em que a Alemanha desafiava a hegemonia inglesa de maior potência mundial. Também os Estados Unidos entram nesse contexto, entrando nas expansões coloniais, exportando armas para as demais potências e produzindo o término do seu processo de expansão para o oeste de seu território continental. Ver: CANÊDO, L. B. *A descolonização da Ásia e da África*. 10ª Ed. São Paulo: Atual, 1994.; DOWBOR, L. *A formação do 3º mundo*. Editora Brasiliense. 11ª Ed. São Paulo. 1989; FERRO, M.. *História das colonizações: das conquistas as independências, século XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.; FERRO, M.. *História das colonizações: das conquistas as independências, século XIII a XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.; HERNANDEZ, L. M. G. L. O “novo Imperialismo” e a perspectiva africana da partilha. In.: *A África na Sala de Aula: Visita a História Contemporânea*. São Paulo: Sevo Negro, 2005.; LESSA, A. C. *História das Relações Internacionais: A Pax Britânica e o Mundo do Século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.; SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

entre as potências, gerando mais expansões territoriais e mais produção de tecnologias bélicas, bem como aumentando ainda mais a própria ideia da superioridade a cada nova expansão, produzindo, por sua vez, um processo de consolidação das práticas imperialistas. Assim, aquilo que produzia as condições materiais e militares para o imperialismo, também ajudavam a justificá-lo e mesmo geravam a sua necessidade, em meio a outros elementos, se mesclando à situação econômica, política e, ao mesmo tempo, ao imaginário e a mentalidade que permeavam a expansão colonial, tornando-se parte do discurso orientalista e uma das tantas justificativas para ele.

Dessa forma, pode se considerar que os cães e as armas de fogo de repetição foram elementos de grande importância para a efetivação das práticas imperialistas da segunda metade do século XIX e para o desenvolvimento do discurso orientalista dessa época, que corroborava e justificava o imperialismo para os europeus.

Recebido em: 24/10/2013

Aprovado em : 18/02/2014